

azul, violeta

Eduardo
Coletto Furlan

Biblioteca
Paraná **B**

Carlos Massa Ratinho Junior
Governador do Estado do Paraná

João Evaristo Debiasi
Secretário da Comunicação Social e da Cultura

Ilana Lerner
Diretora da Biblioteca Pública do Paraná

Coordenador do Prêmio Biblioteca Digital
Omar Godoy

Jurados | Conto
Julie Fank
Marcos Losnak

Preparação editorial
João Lucas Dusi

Revisão
Entrelinhas Editorial

Projeto gráfico e diagramação
Thapcom.com

Ilustrações e capas
Cantalupo

Dados internacionais de catalogação na publicação
Bibliotecário responsável: Bruno José Leonardi – CRB/9 - 1617

Furlan, Eduardo Coletto
Azul, violeta [livro eletrônico]/ Eduardo Coletto Furlan. -
Curitiba, PR : Biblioteca Pública do Paraná, 2020.
72 p. - (Biblioteca Paraná)

“Vencedor do Prêmio Biblioteca Digital – Categoria contos”
ISBN 978-65-89223-06-1 (e-book)
PDF

1. Contos brasileiros. I. Biblioteca Pública do Paraná. II. Título.

CDD (22ª ed.)
869.3

AZUL, VIOLETA

Eduardo Coletto Furlan



GRATUIDADE DOS DIAS

Naquela tarde estranha Júlio perguntou, mas antes, muito antes, eu segui pela rua estreita que me levaria até a casa de Ana, era preciso ter certo fôlego para a alcançar, não que corresse, mas as escadarias ao fim de sua estreita rua me pareciam sempre uma espécie de punição ou castigo gratuito dos dias, Ana acabava me convencendo de que dos castigos gratuitos nasciam as melhores filosofias, não discordava, mas pensava em silêncio enquanto admirava seu olhar cansado que talvez eu preferisse não ter filosofia alguma se isso me ajudasse a não precisar enfrentar a gratuidade dos dias, eu sabia que esse pensamento era estúpido, que com certeza havia algo em Ana que eu ainda não tinha conseguido alcançar, um tipo de fumo no olhar que a fazia ver formas inimagináveis nos caminhos. Naquela tarde estranha Júlio perguntou sobre a angústia, mas antes, muito antes, Ana me levou ao seu quarto, depois do café com cigarros e seu olhar sobre o gratuito e as filosofias, depois de minha estupidez, algo não parecia bem, notei em Ana uma espécie de temor, um receio petrificado no dizer ao me puxar pelo braço da cozinha ao corredor até chegar ao seu quarto onde tirou de uma caixa algumas fotos de família, seu Avô muito bem-vestido em um terno preto sob medida com um amigo ao lado, encostados num lindo carro dos anos quarenta, o olhar deles era vago, não era possível saber se tinham noção de que estariam sendo fotografados, até que o som da lâmpada queimando me assustou, vi naquele momento que tudo estava sendo vigiado e registrado, puxei de meu terno o canivete que herdei de meu pai, mas eu sabia que já haviam partido, um pouco antes Júlio me perguntara algo, voltei para poder ouvi-lo novamente, mas já não

estava mais ao meu lado, Júlio desaparecera naquela tarde estranha, nunca mais o vi, Ana limpou a foto com as mãos como se rebobinando uma dor, definitivamente algo não estava bem, mas tudo o que eu pensava era na gratuidade dos dias, na rua estreita e sua escadaria enorme, lembrei que Júlio tinha dito algo sobre a angústia, Ana me fez sentar ao seu lado na cama com a caixa de recordações no colo, convenceu-me de que a angústia nascia de um sentimento de responsabilidade, mas eu sabia que estava sendo vigiado, que tudo estava sendo registrado, naquela tarde estranha quando Júlio desapareceu, Ana rebobinou novamente uma dor, mostrou-me outra vez a foto de seu Avô muito elegante com um amigo ao lado, não era possível saber quem havia tirado a foto, o estalo da lâmpada, o sacar de canivetes e vultos irreconhecíveis, manchas negras sobre uma fotografia desgastada, um clarão de mãos idosas cruzadas sobre as pernas, mas antes, muito antes, Júlio perguntou sobre a angústia ao meu lado, encostado comigo em seu carro, antes de desaparecer, antes da lâmpada, antes da escadaria e da gratuidade, antes mesmo de Ana nascer, Júlio perguntou sobre a angústia de esquecer.



UM RISCO VERMELHO NO CINZA

Quão frio pode ser este lugar, o viajante na trilha de lama e neve segue em direção ao cume de uma montanha distante que num fumo torrencial desaparece e retorna com violência constante, a solidão do grupo que se forma na rua de asfalto machucado salta, grita, esbraveja e joga pedras contra uma linha bem formada de homens brutos e armados, *não pode ficar mais frio do que isso*, o viajante na trilha de lama e neve estremece quando tenta olhar para cima, mas o vento forte risca de seu olho um corte que queima e em brumas se esconde com medo, atrás do carro, bem posicionado, é possível ver o invólucro cilíndrico girando e como num raio um grito surdo estoura e faz desorientar toda vida da natureza que corre num misto de raiva e desespero, tropeça numa rocha escondida na neve e cai ao lado de um tronco petrificado, abre os olhos com medo da cegueira e percebe que já consegue ver, mas não há trilha de lama e neve, tudo é confusão quieta, os olhos arregalados, a boca aberta e o som oco distante invade o grupo de estudantes que paralisados observam os homens fardados arrastando o corpo amigo, um risco vermelho no cinza, levanta assustado sem saber onde está, olha em volta e não vê mais o cume distante, já não consegue lembrar por que subia a montanha, num beco ao lado refugia-se o grupo de amigos que em prantos questionam o sentido de tudo aquilo, separam-se e vão embora, nunca mais se veriam, duvidando da própria sanidade o viajante olha para seus pés e vê atônito um horizonte brilhante em tons rosados, cheio de palmeiras com suas frondes emplumadas que pendiam para todos os lados e se aproximavam cada vez mais de suas mãos, até que um solitário pássaro marinho levanta

voo e estremece a realidade num grito áspero que ecoa no centro de sua razão, em delírios o poeta debruça-se sobre sua revolta e escreve, já não mais sangrarei nas páginas, já não mais cantarei nos palcos, já não mais escutarei as ordens dos deuses da terra, observa uma última vez o cume dos sonhos, aquela espécie de braço prateado a meio caminho do céu, serra os lábios e o silêncio parece coagular-se, cai como cinza sobre as páginas que escorregam de seus dedos e voam por detrás dos altos troncos, junto a uma atmosfera negra e sombria, desaparecem ao lado da corda retorcida e costurada entre flores brancas, do corpo arrastado pela depressão do asfalto evapora um último lamento, que espírito maltratado poderia ter um sono intranquilo neste solo abençoado?



FESTIM

O que estão esperando, por que não trazem logo o cordeiro? Se ajeita impaciente a diplomata em seu lugar e revela um inexpressivo sorriso aos observadores, numa fileira regular seguem em mantos negros um grupo de seis homens altos, logo à frente o único em vermelho segura entre as mãos um cordeiro que chora enlouquecido como uma criança em prantos, a escuridão se estende por toda a floresta e a lua cheia revela um fumo nas árvores e a melancolia silenciosa de uma coruja que atenta observa o risco de fogo das tochas em procissão, o choro a invade de súbito, *é incontrolável*, balança os joelhos, *deve ter apenas dois anos*, e isso faz aumentar mais sua impaciência, *será que ninguém vai fazer nada para controlar essa criatura?* lembra com grande rancor que apenas estava ali por recomendação de seu superior, *é um processo de iniciação*, dizia ele, *na nossa profissão temos de passar por isso*. A procissão segue até se aproximar do salão onde uma quantidade significativa de observadores aguarda em silêncio, o cordeiro se retorce cada vez mais, no chão alguns tetraedros pitagóricos desenhados em areia negra se interconectam, por fim o homem no manto vermelho amarra sua presa a um tronco no epicentro do que parece ser um hexaedro de sal com olhos abertos e fechados, puxa um punhal dorado e profere alguns dizeres. *Finalmente*, em silêncio a diplomata observa o cordeiro ser colocado na mesa a sua frente, os berros insuportáveis ao lado já não a perturbavam mais, logo poderia ir para casa descansar, deitar-se na sua banheira e esquecer todo aquele teatro de máscaras vazias, fanáticos pelas próprias mentiras. O homem no manto vermelho mostra sua face, enquanto os outros seis, em transe, rezam a mesma missa profana numa luz

turva que retorce das tochas e brilha de forma opaca na cegueira do mestre, enquanto ergue ao ar seu punhal de ouro que no olhar triste do cordeiro reflete lentamente o golpe fatal, e num último suspiro revela aos observadores todo seu esplendor. *Um corte magnífico*, morde os lábios a diplomata, mas logo se assusta com o estremecer de um trovão que ilumina toda a sala e faz a criança ao lado desatar a chorar com mais força ainda, balbucia assim que a mãe leva-lhe à boca a chupeta com pequenos detalhes de coruja, o pai, comandante do exército vermelho parece reprovar com o olhar aquele gesto, mas, ao receber do serviçal o primeiro pedaço de cordeiro, logo esquece seu aborrecimento e desaba toda sua fúria sobre o festim.



CIRCULARES

Pequenos circulares de luz no canto do olho, como um gesto necessário antes da queda, antes do susto, quando se vive nos subúrbios do Rio de Janeiro um abrir de portas ligeiro normalmente revela uma catástrofe, e se a porta for de um carro da PM, então, meu amigo, a temperatura cai abaixo de zero perto do estômago, e é de imediato, principalmente quando se está apostando cartas na esquina, e se for uma moto com dois na garupa, então a primeira reação é a corrida para o lado oposto, ou entregar tudo de uma vez. Esse negócio das portas sempre me faz lembrar da dona Maria saindo da casinha dela em desespero, foi minha vizinha por muitos anos a dona Maria, me chamava de Itto e sempre que precisava de ajuda com as compras eu era o primeiro da lista, mas o que normalmente causava a catástrofe em sua porta era o marido bêbado de madrugada ou o temor de que os corpos jogados na frente da comunidade pela milícia era de algum filho dela, e por isso esse objeto tão comum e corriqueiro, esse ranger de ferrugem e dobradiças acabou se tornando uma intuição do olho e do ouvido nos meus dias, quando as portas se abriam e fechavam com rapidez eu automaticamente me colocava em posição de alerta, não me afetava com tanto temor os sons das balas perdidas, e das bombas caseiras ou do gás lacrimogênio quando havia operações e quando íamos aos protestos, mas esse movimento, esse gesto de abertura possível e tão próximo, esse sim me perturbava, não era possível saber se quem passaria pela porta era alguém pedindo ajuda por causa de um atropelamento, ou até mesmo para se esconder, ou, na pior das hipóteses, a polícia procurando um foragido e, por não achar o que procurava, resolvia extorquir

o morador pela frustração, não foram poucos os amigos que perderam seus video games e celulares, e a polícia ainda se sentia no direito, *favelado e suburbano não tem dinheiro pra comprar essas coisas, só pode ser roubado*, e isso já virou tão clichê que nem dá vontade de falar. Naquele dia enquanto jogava cartas na esquina, infelizmente o caso era de polícia, e olha que a rua estava cheia, seu Zé vendendo seus peixes na esquina do beco, perto do mercadinho lotado, sempre tem os que ficam de olho, passarinhos com seus assovios, mas ninguém viu, ninguém desconfiou, chegaram com as luzes apagadas e quando nos viram o som estridente da sirene disparou e as luzes revelaram na lente do meu óculos os circulares da queda, das mãos na parede e os gritos indecifráveis, a princípio não me preocupei tanto, não devia nada para ninguém e não carregava dinheiro comigo, comecei a pensar se Julinho ainda estava fumando, ou se Flamarion tinha aceitado a proposta para começar a vender, semana passada ele tinha me contado com ar meio preocupado que seu pai estava havia três meses desempregado, quando se tem dezoito anos as conversas vagueiam, mesmo que cheias de alarme, elas escapam, se misturam com tudo, que pode de alguma forma buscar o riso, as preocupações familiares e políticas acabam sendo varridas por entre as músicas e jogos, as vizinhas novas e a CG e personalizada do Roger que morava logo ali, depois do mercadinho.

Foi como dormir de repente, vi o rosto de Julinho amedrontado e então a dor na nuca, *tem certeza de que é ele? É sim, senhor!* Acordei no escuro do camburão, não conseguia distinguir onde estava, mas vi Flamarion atirado de um lado com sangue escorrendo pela testa e Julinho

do outro, pelo som e trepidar do carro dava pra saber que estávamos numa estrada de terra, meu estômago embrulhou, tentei acordar os outros que aos poucos foram voltando a si, eu sabia que a estrada de terra não era um bom sinal, quando os outros perceberam a mesma coisa, uma espécie de nuvem espessa de medo e desespero se apossou do atmosfera sombria do camburão, como uma consciência coletiva do abismo, mas, diferente do que se espera de momentos assim, não houve gritaria nem esperneio, as histórias ouvidas que pareciam distantes, mesmo acontecendo logo ao lado, agora iam se costurando aos poucos na frente de cada um, essa consciência e proximidade eram tão gritantes, que a única reação possível daquele momento foi a persistência vazia de um silêncio estranho. Era possível ouvir os três homens conversando na parte da frente, mas as conversas se misturavam com o barulho da terra e do motor do carro, foi apenas quando uma gota de suor escorreu pelo meu olho esquerdo que notei que minhas mãos estavam amarradas na parte de trás do corpo, essa consciência atrasada do meu próprio ser me fazia sentir um desconforto terrível, o carro fez uma curva íngreme e parou de súbito, assim que a poeira assentou e as portas bateram, foi possível ouvir um som agudo no meu ouvido direito, perto da pancada que havia levado antes, aos poucos um farfalhar de cigarras e grilos do ambiente que ainda não era possível enxergar dava a dimensão do quão longe estávamos, no nosso bairro não era possível ouvir aqueles sons, nem mesmo quando íamos para o meio do mato, sempre pensei que essa era uma habilidade estúpida, lembrar do som das coisas, atribuir lugar e memória à vibração que as coisas

fazem, não só estúpido como amaldiçoado, pois muitas vezes acabava distraído nos lugares que ia visitar por não conseguir parar de prestar atenção nos sons que nunca tinha ouvido.

A porta do camburão se abriu e revelou três luzes que me cegaram no mesmo instante, só consegui ver o vulto de várias mãos jogando-nos ao chão, era uma espécie de terra batida com grama malfeita e úmida, os três homens nos ergueram e foram nos levando para um tipo de barraco que ficava logo ao lado, a uns 10 metros do carro, lá dentro um deles acendeu uma lâmpada amarela, dessas de puxar um fio que fica pendurado no meio do ambiente, um balde de metal e alguns panos sujos num canto, do outro lado uma pequena mesa de madeira e algumas cadeiras, uma estante cheia de objetos irreconhecíveis, algumas ferramentas e uma máquina de fios longos encostada ao lado da pequena mesa, só nesse momento pude notar que os homens estavam encapuzados, e a roupa que usavam não era da polícia militar e sim do exército brasileiro, esse detalhe me fez lembrar de uma notícia que tinha lido alguns dias antes num site que comecei acompanhar depois que entrei para um grupo sobre política na internet, o governo havia feito uma lista de possíveis opositores e alguns veículos divulgavam a informação como uma vitória, a ideia de que tudo isso poderia estar acontecendo por alguma espécie de retaliação política me parecia estúpida e sem sentido, eu Flamarion e Julinho apenas íamos a alguns poucos protestos juntos, mal falávamos de política, não tive tempo de refletir mais sobre o assunto, pois um dos homens começou a fazer perguntas aleatórias, onde estávamos no dia quinze de setembro às

nove horas da noite, com quem estávamos no dia dezesesseis de setembro, todas as respostas eram insuficientes, e isso parecia deixar o tom das perguntas cada vez mais agressivo, decidi então tomar as rédeas e perguntar o que eles queriam, mas antes de conseguir efetivar minha coragem um dos homens segurou Julinho pelo rosto e levou uma fotografia próximo da lâmpada como que em comparações, olhou bem o seu cabelo personalizado que parecia uma espécie de tribal havaiano na lateral, depois foi a vez do Flamarion e a minha, por fim o homem alto com a fotografia saiu porta a fora bravejando, e os outros dois foram atrás como soldados seguindo um general, *que merda vocês fizeram?* Perguntei olhando para os dois, *nada eu não fiz nada e tu? Não, não fiz porra nenhuma.* E esse foi nosso primeiro e último diálogo da noite, pois logo depois o homem alto voltou em fúria, nos empurrou porta a fora, sacou uma pistola e engatilhou, *hoje o sobrenome é dia de sorte, corre, filhas da puta!* Não creio ser possível descrever quão terrível aquelas palavras soaram naquele momento, lembro apenas do espanto de Flamarion e do grito agudo de Julinho enquanto corríamos tropeçando uns nos outros e levantando numa velocidade que poderia facilmente nos colocar em alguma maratona olímpica, depois de alguns segundos ouvimos os disparos da pistola, foram no mínimo dez tiros que fizeram com que a corrida se tornasse cada vez mais eloquente, Julinho saltava em desespero de um lado para o outro e Flamarion rolava no chão enquanto tentava passar as mãos por trás das pernas, eu sei que isso não deveria ser visto como um momento cômico, e que nada nesta história deveria provocar riso, nem mesmo quando dias depois Julinho e Flamarion ficaram sa-

bendo que o Roger da CG personalizada apareceu morto, e que um tempo antes ele tinha ido ao mesmo cabeleireiro do Julinho e feito um corte blindado com o exato mesmo desenho na lateral, Julinho então lembrou de que nas últimas semanas tinham confundido ele com o Roger no beco do mercadinho, e foi seu Zé que anunciou a notícia de que um general do quartel ao lado tinha sido afastado por suspeita de matar a própria mulher, *Julinho tu não vai acreditar se eu te contar que essa mulher tava sempre aqui comprando peixe comigo? Judiaria.*

Pois é, não me parece uma tarefa fácil narrar a própria morte, talvez tudo isso seja apenas um delírio, um sonho estranho que se repete a cada abrir de portas, como uma mancha que não se limpa, que colore a memória em ciclos e nada ensina a não ser que certas coisas só se entende na presença, não pelo ato, mas pelo que fica e reside e penetra como uma larva consumindo pelas bordas o corpo em horas intermináveis, é como se toda madrugada acordasse em minha cama com as mãos amarradas, o suor escorrendo nos olhos cuspindo a grama úmida daquela terra estranha de cigarras desconhecidas, enquanto tento de alguma forma me levantar, mas já não é possível sentir os pés gelados pelo ventilador, somente o sangue escorrendo aos poucos das costas até a boca e o gosto de metal antes do último suspiro do despertador, pela iluminação do poste da rodovia logo ali e Julinho pensando duas vezes antes do abandono, mas não há mais cama nem sonho, nem estrada, nem grama, nem gosto de metal, apenas a intuição da catástrofe inevitável pelo som da porta, e a repetição da queda em circulares no canto do olho.



MEMÓRIAS FLUTUANTES

Pois os vermes já haviam transfigurado o baço em rosto o esgoto em voz e a voz em homens, mas não eram homens, eles já sabiam ler seus silêncios, creio que já não podiam negar, depois da espera, da renúncia, tinham medo de suas fúrias, de seus formigueiros, trancafiados em suas esferas, não podiam sair, mas saíram, não me perguntem por quê, nunca me atrevi a convencer ninguém, mesmo que quisesse, encapuzado e com suas ordens, a porta para saída me parecia indecifrável, como em outra dimensão, onde não era possível usar palavras, do segundo andar era possível ouvir os lamentos, os tremores de preocupação, dos familiares contaminados, e daqueles que aos poucos iam se corrompendo, não adiantava usar máscaras ou luvas, não me parecia haver caminho de volta. Vocês devem estar se perguntando quando eu descobri tudo isso, quando percebi que não havia mais volta, bom, eu não sou a melhor pessoa para narrar começos, e vocês não vão acreditar em mim de qualquer forma, é como no cinema, não há muito o que se fazer, a não ser aceitar e esperar, ou para os angustiados de gêneros fixos, quando percebem que o mínimo de expectativa já não é correspondida, levantam-se e tentam devolver o bilhete, mas o dinheiro não volta, é claro, nem o tempo, o que me parece um grande desperdício, pois, se ficassem até o final, poderiam usar o argumento do observador participante para elucidar o quanto a verossimilhança da obra era de extremo mau gosto, ou que a premissa e o trailer enganavam o espectador, que esperava por um suspense ou terror apocalíptico e acabou recebendo uma espécie de romance ou drama contemplativo a lá Wong Kar-wai escrito às pressas por algum

roteirista metido a cult. Talvez, se não me falha a memória, seja possível começar por aquela noite de sexta-feira, quando Márcio apareceu no meu apartamento dizendo alguma coisa sobre uma festa organizada por alguns poetas do cep 20000, jogou uma lata de energético e foi me arrastando porta afora, Márcio não tinha sutilezas, era de uma brutalidade espiritual singular, falava dos astros e das plantas e suas forças místicas como se fosse um xamã ciberpunk demoníaco, *Cururu, uma grama de DMT e duas gotas de LSD, tu vai falar com a salamandra e tirar onda com ela, porra! não arrumaram esse elevador ainda?* Márcio me chamava de cururu, nunca soube exatamente o porquê, enquanto descíamos pelas escadas notei que seus passos eram mais inquietos do que o normal, perguntei se estava tudo bem, disse que precisávamos chegar logo para dar tempo de ver a grande performance, *tu não vai acreditar, não vai acreditar*, saindo do apartamento um carro com três pessoas nos esperava, o som que vinha de dentro era ensurdecedor, ao me aproximar Márcio abriu a porta de trás e me jogou ao lado da menina que estava na janela da direita, sua boca se moveu, numa tentativa inútil de falar alguma coisa, mas a música que mais parecia a trilha de um filme de Gaspar Noé era tão alta que mesmo ao seu lado não conseguia entender nada, tive a impressão de que ela disse algo com D., talvez seu nome fosse Diana ou Dina, nunca saberei, nesse momento notei que o interior do carro era todo bordado em luzes neon, Márcio jogou o corpo para frente para falar com o motorista e percebi embaixo dos bancos um halo de luz negra que subia e criava uma espécie de vapor nos corpos e um clarão em tudo o que podia brilhar, como a boca e a minis-

saia de D. logo ao lado e que não cansava de se mover, como se conversasse com ela mesma, parou apenas quando estendeu os braços numa espécie de aproximação que logo se transformou em carícia, percebi então que algo estava errado, seus cinco dedos escorreram como uma nuvem de cobras pelo meu braço até chegar em minha mão, cingiram-na lentamente enquanto puxava meu braço para próximo do seu corpo, tentei lhe explicar que não entendia nada pela música, mas ela apenas sorriu com um olhar opaco e distante e me beijou numa espécie de súplica enquanto jogava os joelhos e aproximava a cintura e o ventre, uma pressão difusa, a música dilacerava em batidas graves, seu olhar como a noite, um clarão de fogo congelado, o ar se tornou uma espuma quente de vapores, seus dedos obedientes corriam como se procurando sem parar um enigma, seu cabelo entre os olhos riscava uma espécie de chama presa no tempo que me induzia a uma floresta neon de diabólica doçura, seu cheiro era um cheiro sem nome e sua pele era um fluxo sem fim de escuridão silenciosa. De súbito pensei na bebida que Márcio me jogou no apartamento, olhei ao redor, não havia carro, estava em um tipo de subsolo, pois não via janelas, a escuridão envolvia a sala que também estava toda cingida de luzes neon e negras, contei com muita dificuldade umas trinta pessoas que dançavam numa diversidade de movimentos que seria possível catalogar novos estilos sendo criados a cada passo, todos se moviam como se seus corpos fossem altares e a dança a última reza e oferenda de algum deus mais antigo que as palavras, Márcio atravessou o mar de fúria e brilho que formava o horizonte do quarto, se aproximou e notei com grande espan-

to que seu rosto havia se transformado numa espécie de pântano de esferas e sua boca um caranguejo em furta-cor, seus olhos caracóis que se moviam para todos os lados no ritmo da música que era ainda mais ensurdecedora que no carro, aproximou o caranguejo de meu ouvido e disse, *já vai começar, tu e sua mania de se afogar nos outros, não esquece, o acaso é o anzol, toma, bebe isso aqui*, segurei o copo com dificuldade, havia um atraso entre meu desejo e a realização do corpo, tomei o líquido de uma só vez como se fosse água, mas o gosto de melancia me estremeceu em nervos, tentei me aproximar para perguntar o que era, mas as orelhas de Márcio eram poços de tijolos que desciam e se retorciam em espirais, *vai com calma, o suco ajuda a limpar, mas o peyote pode castigar, tu chegou a ver o Otto?* Márcio apontou para um canto onde havia um aglomerado maior de pessoas, mas que não estavam dançando, queria brigar com Márcio por ter me dado algo sem avisar, mas a sugestão do espetáculo me levou até aquele grupo de pessoas como um ímã, no centro da roda lá estava ele, com um enorme prego de mais de um metro em suas mãos, Otto fincou a estrutura metálica no chão e se virou de costas, abriu bem os braços e olhando para a parede começou a gesticular para o nada, o vazio do espaço, o observador como ausência, puxou um véu translúcido do chão, como uma coisa morta buscando sair, um mar de dentes vermelhos, a música cozinhava os corpos e penetrava como agulhas por todos os lados, quando já estava quase esquecendo de pensar, os cinco dedos de serpente retornaram como se nascessem de meu ombro, mas não se fixaram, por um lado levou até meus lábios um cigarro e pelo outro riscou o isqueiro e o acen-

deu, puxei lentamente a fumaça e me virei, aqueles olhos de fogo congelados já me pareciam tão familiares, agora pude notar que flutuavam um pouco abaixo dos meus, então se aproximou de meu corpo e soprou um tipo de canto numa voz que parecia solidificar-se no ar e aos poucos ia caindo sobre o entendimento, *nasceram flores num canto de um quarto escuro, mas eu te juro, eu te juro, não precisa falar, nem saber de mim, pois, até pra morrer, você tem que existir*, um grito surdo rasgou o espaço e junto com ele os tambores e batuques num ritmo de hipnose indígena, todos se viraram para o canto oposto ao de Otto, de onde nasceu o grito, uma ciranda de cabeças alucinadas, uma lâmpada violeta velava no alto da parede ao fundo, como um olho protetor, um farol que iluminava em contrastes os chifres de taurina da mulher soberana que se evocava no centro do terreiro, seus pés afundavam em um colchão de folhas e barro, *é a Anelis, filha do Itamar*, alguém conversou por detrás, os cinco dedos correram depressa até encontrar os meus, de costas o seu cheiro me preenchia de uma febre pesada e maliciosa, os tambores e batuques aumentaram, a luz protetora revelou a banda inteira e entre os instrumentos uma variedade enorme de frutas e flores costurava os corpos numa simetria caótica, um gemido grave e outro agudo ressoaram enquanto as luzes piscavam em mil cores e formavam fractais por todos os lados, a voz lenta e suave de Anelis mergulhou no mar vermelho de fúria e brilho, enquanto o vapor do desejo sem palavras nos fazia aproximar e encostar cada vez mais numa distância vertiginosa de animal, tudo me parecia um corpo lunar de fogo, uma colina de carne cingida ao ventre oblíquo do horizonte, *da mor-*

te tudo se sabe, fato fatídico, viver é inevitável mas até que se cale, pare, congele todo corpo vale, o prazer de ser mortal na proa, de dar mortal à toa, à beira-mar, puxava a fumaça do cigarro e junto os corpos nus que formavam uma voz suspenso de interminável tato repetido e úmido, um cheiro de sombra e murmúrio, mordidas e monossílabos como se no fundo nada mais importasse, o corpo leve de D. se erguia como uma chama flutuante que bordava e penetrava todos os olhares na escuridão, mas serpenteava ligeira até se fixar nos meus, seus dedos insistiam e agora procuravam a boca e da boca o sexo e do sexo o chão, uma nuvem espessa de irresistível sugestão. Como um anzol um impulso me atirou em desespero, já não havia mais música, só murmúrios, uma multidão de corpos nus entrelaçados ao chão, a pouca luz neon que iluminava os caminhos mostrava alguns tropeços em direção às escadas e ao lado dela uma porta que parecia levar ao banheiro, já não via mais os dedos ligeiros e o fogo do olhar de D., tudo parecia uma ensurdecida confusão difusa, ao lado da porta uma jovem de cabelos trançados contorciam-se em soluços, quando finalmente consegui entrar no banheiro entreguei todo o suco que Márcio me dera na pia, mas o que saía de minha boca já não era mais um vômito, cada jato se transformava numa explosão de aranhas que nasciam das poças e subiam em minha direção, comecei a esmagá-las numa tentativa inútil de dar fim àquele tormento, quando levantei o rosto e me vi no espelho, um raio estremeceu a percepção, eu não tinha rosto, era apenas um buraco vazio sem fundo, um artífice de caça à espera de sua vítima, tentei fugir do espelho me dedicando às paredes, aos nomes, dizeres, desenhos obs-

cenos e vulgares, *a vida é o pânico num teatro sem chamas*, a música voltava a estremecer as paredes que esfarelavam em nuvens de poeira, o som vinha do ambiente ao lado, abri a porta e o terror se intensificou, uma figura toda em preto, seu rosto era uma mistura de ovos de serpentes costurados em látex brilhoso, *anda menino, preciso mijar*, puxou um zíper da parte de trás da bunda até a frente, o que o fazia repartir a fantasia em duas, *puta merda, foi tu que vomitou tudo aqui?* Como uma sombra Márcio apareceu novamente saltando por entre os corpos deitados ao chão, me segurou pela mão e me levou até um dos cantos perto de um palco ao lado, onde era possível ver os vultos de uma silhueta em transe pela música que agora era concebida por um grupo de pessoas usando fantasias idênticas em látex, *Cururu começou*, Márcio puxou o celular e me mostrou algumas fotos e notícias, tanques de guerra em direção ao planalto, um vídeo no qual um grupo de encapuzados arrastava homens de toga, os enfileirava e gritavam palavras de ordem com seus fuzis, todos já sabiam o que estava por vir, muitos desejavam, outros apenas permaneciam em negação, a confusão era apenas um pretexto e o único refúgio eram os delírios, uma sensação coletiva de insatisfação nos transportes, nos olhares, mas sempre me pareceu óbvia a leitura do silêncio, eles já sabiam ler seus silêncios, se reconheciam a quilômetros, antes mesmo do pressentimento os noticiários já pareciam ser como gritos de um animal a ser abatido, segurei a mão de Márcio e notei que seu rosto continuava a se desmanchar, mas onde antes havia um pântano de possibilidades e encontros agora habitava um deserto de desânimo, essa parca liberdade conquistada a duras penas,

recortada a golpes de tesoura cega, aos poucos aquele subsolo sem janelas, banhado por uma atmosfera de êxtase e loucura, começou a me parecer como a última luz fraca no fundo de uma rua distante, onde nossos nomes, esses fantasmas de duração obstinada, se diluíam numa sopa, um elixir que insistia em permanecer, em provocar e contestar esses objetos que correm desesperadamente para anular os outros na margem de seus rios, ergui as mãos e apontei ao centro da sala, onde agora todos ascendiam lentamente ao som de Wendy Rene como serpentes fingindo acreditar na música e no encantador, olhei uma última vez para Márcio, peguei de suas mãos uma garrafa de vinho, dei dois goles e sussurrei junto a música, *after laughter comes tears, my dear...*, de costas mergulhei como um algodão pegajoso absorvendo tudo e todos, até encontrar novamente a chama flutuante de D. onde resolvi permanecer congelado em memórias de quando ainda era possível, era possível.



INCOMUNICÁVEL

Uma cruz de dois metros de altura e logo abaixo dos braços um corte perpendicular em quarenta e cinco graus, riscando do corpo as lascas com leveza para não penetrar demais a circulação e impedir que o sangue pare de pulsar, cento e cinquenta cortes às três da manhã, para dar tempo de chorar as gotas nos cento e cinquenta potes, quantidade mínima exigida, a cota diária necessária para se conseguir sobreviver. No seu pequeno casebre entre garapas de altos troncos e folhas curtas e as distantes embaúbas dos chás e da medicina, Aminge limpava as ferramentas para evitar a oxidação e o envelhecimento precoce de seu instrumento de trabalho, mesquita era como ele chamava o raspador, de cortes precisos e técnicas milenares, da pressão correta ao ângulo exato, seu pai lhe ensinara todos os dias, nas bordas da Amazônia, nas fronteiras do que um dia fora um relicário ancestral, hoje já não se encontra paz, nas terras que Aminge nem queria possuir, mas que já haviam sido demarcadas em latifúndios antes mesmo dele nascer, pelo menos era o que diziam, e por isso agora para viver era necessário os cortes, das três da manhã até as onze da noite, cento e cinquenta potes ou sabe-se lá por qual motivo os motores de terremotos e suas caminhonetas poderiam vir à noite, destruindo o pequeno cercado que havia construído com seu pai na infância, de bambus divididos ao meio e cordas firmes de buriti trançado, para impedir que os poucos animais fugissem, para à noite permanecer sentado sem preocupações observando a sombra de seu pai tremendo pela lamparina de óleo queimado, enquanto ele escrevia e ditava histórias inimagináveis de monstros de pedras e janelas de espelhos, mas que ao fim revelava sempre um

ar espesso e então o medo, uma hesitação no olhar distante antes de o colocar para dormir na rede e ir deitar ao lado em sua cama, uma espécie de prenúncio inevitável da vinda sistemática dos homens armados em gritos e tiros distantes e do esquecimento forçado daquele dia em que seu pai dissera para se esconder debaixo da cama, em memórias de esquiteamento e talhos de facões cegos que preferia não recordar. Não havia para onde ir, depois da destruição e do abandono, da separação prematura de seu guia, então permaneceu, e aos poucos vizinhos foi dito que seu pai era um ladrão, trinta anos e Aminge permaneceu, riscando em lascas o sangue das árvores todos os dias, cultivando a terra e os animais, observando em silêncio o pulsar branco da floresta, seu pai, um todo distante em discursos, o ensinara a ler desde pequeno, mas ele não entendia grande parte de sua angústia, de início recebeu um pouco de ajuda e algumas doações, depois a comida começou a vir como pagamento que o dono das terras dava em troca dos cento e cinquenta potes diários, aquela rotina começou a fazer parte de seu corpo aos poucos, como um braço mecânico costurado no fazer diário, a solidão era um entretenimento de delírios entre as copas das árvores que sopravam e riscavam em intuições uma espécie de sabedoria incomunicável, folhas secas, cogumelos e raízes, caminhava pela floresta entre pássaros e insetos, coletando em impulsos o que sentia ser comestível, e quando lhe doía as costas sabia exatamente qual chá preparar, assim aos poucos os vizinhos começaram a consultar Aminge, um resfriado, uma intoxicação ou um envenenamento, os livros de seu Pai não explicavam de onde vinha todo aquele conhecimento medicinal, come-

çaram a chamá-lo de Puçanguara, e até de santo com o passar do tempo. Todos os dias antes da última luz solar, Aminge riscava um fumo que ele mesmo preparava usando um pouco de tabaco misturado com um pó que extraía das folhas da Chacrona e do cipó Mariri, nesses momentos sagrados a estrutura maquinal que havia sido colonizada em seu corpo se fragmentava e se distanciava como um vento sobre folhas secas, todos os símbolos que permaneciam guardados nos bolsos de seu olhar saltavam como pequenos sapos pela floresta e desapareciam junto à densa fumaça que escorria de sua boca e grudava na palha que cobria seu casebre, quando o fumo acabava e seus sapos decidiam voltar, Aminge sabia que algo estava errado, mas que ali era o seu lugar, que definitivamente havia uma língua de silêncios e ausências que comunicava mais que todas as palavras que já lhe tinham ensinado, mas logo a rotina retornava e caía sobre os ombros, ascendia sua lanterna e começava a coletar os pequenos potes encharcados pelo sangue branco da floresta, quando finalmente terminava de estocar em grandes vasilhames todo o elixir, atirava-se em sua rede e adormecia como uma pedra.

A noite um mesmo sonho se repetia de tempos em tempos, uma insinuação que separava e decompunha, recriava abismos indecifráveis, o pai sentando em lágrimas escrevendo em seu caderno, um assovio de chamas trêmulas logo acima, o olhar obstruído por uma cortina de flores e folhas entre faíscas inesperadas, um rosto siamês pintado de vermelho, um pequeno corpo lançado à floresta, riscos e lâminas de facão, manchas de sangue na parede, gritos inconcebíveis por todos os lados, máqui-

nas metálicas e hélices devorando uma fogueira ancestral, Aminge acordava encharcado nesses dias, como se uma esfera de vapor quente o encobrisse, criando uma gravidade única que vinha dos sonhos e costurava em sua pele a necessidade de recordar, de sorver de um lugar oculto entre suas orelhas um gotejar preciso de lembranças, que se esforçava em apagar com as mãos entre as têmeoras, apertando como se para explodir ao ar qualquer resquício de insistência desses vermes que apontam memórias, mas algo permaneceu, um braço estendido, o último olhar fixo de seu Pai antes do golpe final, uma fresta na janela em frente à mesa onde ele sentara todos os dias para escrever, Aminge levantou atordoado como se afastando insetos do corpo, lavou o rosto com a água de um vasilhame e acendeu sua lanterna, arrastou alguns livros que ocultavam a fresta, ali perto da mesa uma pequena circunferência abaixo do peitoral interno da janela permitia que enfiasse o dedo, puxou com força a madeira, mas fora necessário empurrar um pouco para o lado para ceder e revelar um caderno empoeirado costurado em um couro marrom-escuro... uma nação construída sobre o cemitério de outra, será necessário te tirar daqui para mostrar o que aconteceu nessas terras, mas eles não deixarão ninguém sair, quando me chamaram para estudar o solo, descobrir o ouro, eu não sabia, não... eu não tinha como saber, mas viera de mim a ideia de que nas margens da nascente com certeza haveria diamantes, se não fosse o seu silêncio entre as flores naquele dia, aquele dia em que arrancaram de uma vez só tudo o que lhe dava contornos, à noite, sempre à noite, sobrevoando em helicópteros, pude apenas ver as caminhonetes chegando, as

luzes, o desespero e os gritos, muitos se divertiam com aquilo, quando nosso helicóptero desceu tudo era um rio de sofrimento gratuito, depois que o sangue negro foi arrancado do mar, o leite branco da floresta já não era tão necessário nem valioso, eles precisavam das terras dos Purinã para extrair as Nhambiquara e criar o gado, mas os diamantes eram o verdadeiro objetivo, o rio, o rio que passava logo ali, ao lado de sua aldeia, era fundamental, sabiam que eu entendia do assunto, foi quando decidiram me levar junto, mas logo perceberam que eu poderia ser uma ameaça, das fotos de minha irmã e meus pais sendo vigiados à permanência eterna do silêncio forçado, do estudo e do solo, entre a relva e as flores banhado em fúria, no dia do acampamento e da descida do helicóptero na aldeia, te encontrei entre dois rios de sangue e lama, teus olhos fixos de obsidiana eram como o próprio fulgor da terra, da tragédia e da formação vulcânica, da negação da extinção, do estrangulamento de um saber outro bordado por um solo de plantas e insetos sem donos, apenas guardiões banhados pelo desígnio de proteger, vi naquele dia em teus olhos a insistência da lágrima primordial que se dividiu em duas e beijou as folhas da Sumaúma para cair nas margens do Igarapé, tua voz um som oco de tambores pelas raízes, costurando em cada encontro possível a permanência de uma dor incomunicável.

Aminge sentiu o peso maquinal em seu braço contorcer, já amanhecia e, se não começasse a lascas as árvores e prender os potes nas extremidades, não conseguiria juntar os cento e cinquenta frascos necessários para sobreviver, num gesto plástico saltou da cadeira e pegou sua ferramenta de costume, foi até o pátio onde as seringuei-

ras esperavam por sua tortura diária, sentou-se diante da cruz marcada por toda a mata e começou a arrancar da casca um choro oco de lágrimas espessas, enquanto esperava as gotas caírem nos potes, pôde observar pela primeira vez um rio vermelho-sangue que rasgava ao meio toda a floresta em suas veias.



CONTINUIDADE DOS PALCOS

Nunca mais cabelos negros soltos ao entardecer, cortando do céu um nome oculto entre riscos cobrindo nuvens, com os braços esticados no peitoral e a coluna curvada espiando ao longe, fugindo das formas do horizonte e buscando em cada pequeno fio uma explicação possível, como um embaralhar de olhos desmanchando em vultos as cores, gostaria que tudo isso se prolongasse, as pernas alongadas na parede esperando em tiquetaques a queda da última luz para sentir o frio primeiro nos dedos dos pés, depois nas canelas e nos joelhos até a cintura, talvez tenha sido num desses dias de outono quando Gabriel permanecia na sacada esperando a luz e a temperatura escorrerem de seu corpo aos poucos, que pude começar a medir em escalas o peso dos passos, ao girar na fechadura as chaves e abrir a porta, como um soluçar no meio de um sonho, despertando-me bruscamente, fazendo-me desviar o olhar de Gabriel para a tela num piscar, em receios, como que cometendo crimes, escrevendo qualquer coisa na tela em branco e, quando passava por detrás como um fera, já satisfeita e sem preocupação, deixando rastros pelo caminho em casacos e bolsas e carteiras, depois o banho e a geladeira e a TV, as ligações aos amigos, as cobranças da alimentação e quando diabos terminaria o livro, tudo isso sempre esteve muito próximo e traduzível, mas parece haver sempre uma cegueira, um virar de olhos ou baixar de ombros, em presentes e carícias e admiração, uma linha invisível que aos poucos costura em dependências uma vida na outra, mas, quando se vive para os outros, para cumprir os prazos e as demandas, para preencher os currículos e finalizar as etapas, do fundamental à universidade, como

um roteiro preestabelecido de vida possível, de vida digna e admirável, não se tem tempo para notar em declínios os contrastes, as sombras que passam e nos induzem, nos provocam em drinques e pastilhas coloridas e corpos nunca saciados, numa espécie de fuga possível dos scripts, *corta! É isso, muito bem pessoal, já foi quase tudo, metade talvez, a luz... a luz ficou perfeita, Mari, tá incrível, agora só precisamos finalizar a cena da queda, do pai gritando que tudo bem, que homem não chora que já pode ir sozinho*, desde pequena construía diálogos com os bonecos que roubava de meu irmão, os kits de cozinha e bonecas de bebês não me pareciam suficientes para narrar as cenas, às vezes o espetáculo se desmanchava e um dos bonecos, um que aparentava ser mais elegante por ter um óculos moldado em sua face plástica, surgia como diretor dizendo que tudo ia bem, que faltava pouco agora para a equipe no palco de brinquedos, então o levava até outra parte do quarto, numa caixa de sapatos onde, sentado, permanecia a escrever e meditar sobre como resolver a cena do banheiro, do pai de passos largos e da mãe estendendo as roupas e seu olhar distante, distante... olhando a página em branco no computador, Gabriel continuava curvado com as pernas pro alto na sacada, brincando com as luzes, até que da cozinha ele dizia que já era hora do menino tomar banho, enquanto marcava com os amigos de beber no bar que ficava logo à frente, quatro andares abaixo. No banheiro, de joelhos, era possível ficar na altura de seus olhos, enquanto tirava-lhe a camisa por sobre os ombros, cinco anos e ainda mantinha o mesmo gesto ao entrar na água tremendo pela variação de temperatura do chuveiro, levando a mão ao rosto como que para se sentir vivo,

e retendo com as palmas o máximo de água possível que preenchia sua boca como uma piscina que explodia num vulcão assim que se enchia por completo, não havia antes e depois em seu olhar, Gabriel era como uma cortina sempre aberta para um palco onde a cena estava congelada em seu clímax, uma ilha à noite de permanente intranquilidade, uma terra onde os passos eram inescritos e possibilitavam os caminhos, mas não era isso que precisava entender, que precisava decifrar e transcrever na tela em branco, no meditar do diretor de óculos na caixa de sapatos, do pai de passos largos e do olhar vazio da mãe em desespero, dos gritos no banheiro, o abandono pela vergonha, pelo cair das máscaras, tudo isso foi necessário varrer dos palcos, esquecer em roteiros numa nova vida, traçando em cada objetivo uma cegueira necessária para não recordar, não recordar... das festas na universidade onde o conheci, onde já se aproximava o fim da vida acadêmica interior, e um temor de que em algum momento não haveria mais um caminho predeterminado para me conduzir aos esquecimentos, não... não era uma opção, e seus gestos tão gentis e passos largos, sua atenção e seu zelo em planejar vidas possíveis, vidas comigo, em que os roteiros sempre nos davam papéis principais, cortes contidos de cenas românticas num palco qualquer, memórias de algodão-doce em um parque de rodas-gigantes e risadas infantis, dedos cruzados entre o barco-fantasma e o medo da altura, seus olhos costurando abraços e anúncios, prelúdios de uma terceira mão, um observar de brincquedões proibidos evocando a vinda de Gabriel, depois da mudança e do morar juntos, ensaios decorados com bonecos sobre a cama, o digitar incansável nas telas e novelas

em decomposição, o carinho e o comprar de blusas largas em esperas e consultórios, os anos vazando por entre os dedos em fotografias intraduzíveis rastejando-se pela sala e os primeiros passos na cozinha, as últimas celebrações e abraços antes das inexplicáveis e nunca transcritas crises e depressões das cenas fora dos roteiros, flashes de mentiras e o fixar neurótico dos ponteiros aguardando o abalo sísmico da porta e a nuvem densa de desânimo e bebidas para o deitar de lados opostos na cama e suas mãos ao ventre na madrugada, à força como um animal numa ânsia, e Gabriel na porta ao lado espiando sem entender. Naquele dia eu pude medir bem os passos, antes dele descer ao bar com os amigos, das gritarias e festividades que incomodavam os vizinhos, escrevia sobre seu peso, a caixa de sapatos e o diretor de óculos a meditar sobre a próxima cena, quando a porta se abriu, queria levar Gabriel para ficarem no bar juntos, para aprender a ser homem, insisti que não o levasse, mas Gabriel queria ir, demonstrava um entusiasmo único, como um explorador à beira de uma caverna desconhecida, o abracei e o deixei ir, voltei à caixa de sapatos, ao desespero no banheiro, era necessário que o diretor calculasse melhor a próxima cena, mesmo que fossem bonecos ou personagens, mas não era possível, a recordação ia somente até aquele momento, apenas até ali e nada mais, um bloqueio necessário, uma tela em branco, o olhar vazio da mãe estendendo roupas, o choro de Gabriel distante, na sacada era possível ver tudo, as risadas longas e as cartas na mesa, homens celebrando jogos, Gabriel pedindo para ir embora, *homem não chora, já pode ir sozinho*, o saltar do colo para atravessar a rua, um aperto, apenas um aperto estranho no peito, uma tentativa inútil

de avisar, de num grito agarrá-lo de vez em segurança, mas a pedra, o carro virando rápido na esquina, a gritaria surda e irracional sufocando a queda no meio-fio, seu corpo ao chão e a roda logo à frente, sem tempo de desviar, enquanto tirava-lhe a camisa por sobre os ombros, levando a mão ao rosto como que para se sentir vivo, e retendo com as palmas o máximo de água possível que preenchia sua boca como uma piscina prestes a explodir ao chão, no banheiro de joelhos era possível ficar para sempre na altura de seus olhos.



**POR QUEM ME
TROCARAM?**

Por quem que me trocaram quando estava a meditar por aqui? *Na praia à noite tudo é violência e calma*ria, esta foi a primeira voz que me atingiu ao despertar lentamente de um sono sem sonhos, não podia saber se vinha do indecifrável deus à frente ou da abominável criatura atrás. A segunda voz me pareceu ser possível observá-la nitidamente, flutuava tão sem direção quanto a primeira, girava de forma inexplicável como se estivesse dançando em provocações, mas de súbito parou, traçou uma linha tênue que se dividiu em outras duas luzes radiantes, *tudo na natureza é ser ou vontade de ser* — quanta bobagem, pensei com grande clareza, mas aos poucos, enquanto as luzes se desvaneciam, com elas escurecia também minha razão, percebi sem notar que, ao duvidar, eu já estava sendo aquele que duvida, como uma imagem irreal refletida, cristalizada na vontade do tempo. Já não as escuto mais, agora sou apenas confusão quieta, e tudo isso me cansa, pois tudo é muito e nós não sabemos de nada. Adormeço sem dormir à espera dos sinos do luto, da violência dos vivos e da calma-ria dos mortos, aos poucos um despertar de razão ilumina minha angústia, penso com grande entusiasmo, que, entre o ser e a vontade de ser, flutua uma hesitação e definitivamente aquele que duvida deve pairar na hesitação, na antecâmara do nascimento, na estranheza de tudo o que existe, de tudo o que é e quer ser, sempre estrangeiro de si, mas meu desassossego não tem fim, pois ainda sinto que a dúvida não pode transcender absolutamente nada, ela apenas parece revestir tudo o que é em incógnitas que no fundo contrastam entre si e dão silhuetas ao incompreensível. Acordo lentamente, sei que despertei, mas ainda durmo, como um sonho que

é uma sombra de sonhar, vejo uma terceira voz a dançar inquieta, perco-me duplo de ser eu ou aquela voz, e num grande cansaço danço numa ânsia passiva que me estreita e me acomoda. Agora vejo a voz distante a rodopiar pela abominável criatura atrás, dá duas voltas e mergulha no indecifrável deus à frente, hesita por instantes e salta de súbito em minha direção — atravessaria minha alma como um risco de fogo na noite, me salvaria, mas já não estou mais ali, por quem que me trocaram quando estava a meditar por aqui?



DO OPOSTO AO CHÃO

Estou feliz nesta noite, o vento norte traz um frio puro, tão puro quanto a noite, e não seria eu mesmo uma continuidade desse ar gelado? Se fosse possível permanecer nesse instante onde o ar da noite me faz esquecer completamente a solidão dos dias, roubaria essa esfera de realidade e aprisionaria sua dimensão num pequeno frasco para não apenas recordar, mas adentrar no instante e permanecer eternamente fixado nas horas desse esquecimento. Silêncio, ou talvez seria o eco da janela ao lado batendo no vazio da sala, sei que há muito tempo ninguém se preocupa com o que faço, mas a solidão não me preocupa tanto, o meu medo reside na incapacidade de saber narrar, sinto que a verossimilhança desaparece junto com os amigos, mas talvez eu minta em dizer que não tenha amigos, talvez eu tenha, talvez eu apenas goste da ideia de não os ter, para com isso poder justificar a falta de entendimento, ou até mesmo dar sentido a ideias que precisam de justificativas absurdas, como as que tive ontem, ao caminhar como um estranho nas ruas do Largo do Machado, sem direção nem sentido, passei a entender de súbito, como num clarão, que o exílio não é algo que se dá apenas na troca de lugares ou no recuo político e geográfico dos dias, mas também de um estranhamento pneumático dos outros, num estrangulamento da razão, onde o ser, sem aliados, recusa o pertencimento e busca no abandono um lugar, e assim começa em desespero sua imunização do estar, para conseguir, enfim, povoar o vazio e a fronteira do ser, distante da suposta insanidade, semeia o vazio e se alimenta da própria escassez, mas o clarão logo se obscureceu, o eco da janela ao lado, o silêncio, o abandono, uma ressonância revelou ao fim do

corredor, na parede, um buraco obscuro, o espelho, um artífice de caça, sei das consequências, mas caio na armadilha mesmo assim. Aí está, o fumo cinzento, a coisa disforme em busca de racionalização, o meu rosto no reflexo dos buracos, nessas horas de esquecimento e metamorfose fico a contemplá-lo, nunca tive o juízo para decidir se é belo ou feio, sei apenas que o dos outros parece ter um caminho, uma trilha nos gestos, nas rugas e no fulgor do olhar, mas no fundo me espanta a capacidade humana de atribuir qualidades desse tipo, como se fosse possível atribuir beleza objetiva a um pedaço de terra ou a um tronco abandonado. Certa vez eu li, não lembro exatamente onde, que até mesmo uma pedra, ou um cristal possui certo nível de consciência, consciência de suas afecções, como nossas células e mecanismos que traçam de alguma forma um sentido enigmático da vida que pulsa, assim como os átomos e suas interações quânticas possuem algum nível de consciência nessas interações, enfim, esse texto dizia que, se uma pedra pudesse pensar e elaborar para si um deus, definitivamente esse deus teria forma de pedra, essa ideia de um deus para cada microconsciência do mundo me atingiu como um raio, talvez a estética, pensei, estará sempre refém de um reconhecimento intersubjetivo de quem produz o objeto e de quem o critica, o que me faz crer que talvez vamos acabar admirando e elogiando sempre aquilo com que em algum grau nos identificamos, foi pensando nisso que lembrei do dia em que subia o Cosme Velho em direção a Paineiras, e notei numa fábrica de chocolates a bandeira do império, bastou esse pequeno deslumbre para despertar em mim uma espécie de ideia fixa, uma certeza que corroeu aos poucos todas

as inquietações e hesitações que sempre carreguei nos bolsos, terminar o trajeto como um doido, conversando em voz alta comigo mesmo.

Somos ainda um amontoado de seres incômodos, maltratados por nós mesmos e pelos outros, sem motivo algum de estar aqui, a não ser pelo desejo intersubjetivo de identificação com tudo aquilo que em algum nível se comunique com nossa língua e gestos, mas nada disso importa, não mais, não para mim pelo menos, pois eu descobri como quebrar essa ciranda, nessa noite fria, o artífice de caça, o abandono, já não sei se foi no Largo do Machado sem direção, ou naquela bandeira da fábrica de chocolates, sei apenas que o vento norte levou a noite e deixou em mim um silêncio, um fumo nas manhãs, e, naquela tarde já distante, condensei de um buraco em brumas para poder chorar do oposto ao chão, em lamas, em esperas, mas me cansei da espera e procurei nas frestas, nos vãos e lacunas uma cartografia que encobrisse e simbolizasse o sangue jogado ao chão.



PONTE DA RÉGUA

A coelha da senhora Joaquina está desaparecida, há cartazes em todos os postes da rua Emile Z., *você viu Aline por aí?* Mas ninguém viu Aline a coelha desde o incidente perto do parque da cidade, ninguém até a manhã da última terça-feira, quando o carro da senhorita Alice Regules teve que desviar bruscamente de Aline enquanto atravessava a ponte da régua sobre o valão da rua Piratinga, bem, agora a ponte da régua está danificada, ponte que nas últimas décadas recebeu uma aura coletiva e se tornou uma espécie de tesouro local, seu Luiz sempre dizia, enquanto segurava suas calças que escorregavam cintura abaixo em seus trajetos diários pela Gávea, *se eu te contar quem já passou pela ponte da régua, você não vai acreditar, tem mais de cem anos sabia? não sabia, claro que não sabia,* por sorte seu Luiz não viu o estrago, deitado em sua cama de descanso com sua pequena régua entre os dedos, sentindo o latejar metálico, medindo o cansaço e a memória com uma satisfação suspeita e de nuvem, Alice Regules sobre a ponte da régua, deu a volta em seu carro catalogando os danos, medindo os gastos, procurando Aline, Alice Regules sobre a ponte da régua procurando Aline a coelha, com as chaves do carro nas mãos parou de repente como se olhando um rosto estranho nas nuvens, lembro da cena como se fosse hoje, pois costumava caminhar pelo bairro todos os dias, anotando em meu caderninho o esquecimento, os desaparecidos, procurando em cada olhar uma possibilidade de ajuda e talvez, apenas talvez, um contar de histórias, foi num desses dias que vi passando sobre a ponte da régua a coelha da senhora Joaquina e o carro da senhorita Alice destruindo tudo e revelando da ponte o enigma, com as chaves nas

mãos, olhando bem fundo em minha direção, caiu num mal súbito e nunca mais acordou, os médicos não souberam explicar, não havia lesão alguma, o que isso significa? Ora, nesta vida há pessoas nos andares de cima, morando sobre pessoas nos andares de baixo e abaixo das pessoas nos andares superiores que não percebem que há quem viva nesses lugares, e isso quem disse foi seu Luiz numa visita inesperada à minha casa de alicerces firmes, dias depois, contei-lhe sobre o incidente na ponte da régua enquanto ele girava entre os dedos sua própria metragem, *isso me lembrou o caso do parque da cidade*, deixou vaziar um ressentimento no olhar, não era possível saber se o lamento era pela ponte ou pela história que desembulhava aos poucos, como um sacar tímido de envelopes numa caixa de recordações, *não sei se você sabe, menino, mas por anos gastei metade de meus honorários com as putas da vila mimosa, até que a prefeitura resolveu...* seu Luiz hesitou, tomou dois goles de café numa lata velha e riscou um fumo enrolado à mão de aroma vegetal, *arrancaram minha alegria da praça da bandeira, debandaram minhas putas de um dia pro outro*, seguiu como um animal o cheiro dos quartos, medindo o abandono nos cantos, metrificou cada espera, mas não encontrou Matilda, sua preferida, caminhando pela rua Sotero dos Reis seu Luiz era uma sombra, perguntou aos cafetões, aos donos dos bares, mas eram nomes de guerra e a violência parecia que tinha costurado nos corpos um silêncio de espanto, uma desconfiança permanente nos outros, *Matilda queria morar comigo, acredita?*, disse que havia algo em suas entranhas e que a culpa era minha, dei-lhe uma bofetada na cara nesse dia, um pouco antes de expulsarem todas

de lá, me arrependi logo depois, e foi nessa noite em que percebi meu erro, quando segui de um sonho ao declínio, como se ela estivesse ali do meu lado, seus dedos e botões, seu pescoço de sal cortado e beijos de vapor, no nosso pequeno quarto da vila mimosa, de paredes verdes e escurecidas, mas pela manhã a rádio informara o inevitável, enquanto colhia flores para Matilda, foi nesse dia que comecei minha fuga permanente, anotando nesse caderninho cada pista possível, cada olhar e cheiro parecido, até que vim parar aqui na Gávea, na ponte da régua, alguém me dissera que um figurão que morava na rua Piratinga tinha pistas do acontecido, procurei, procurei, mas nunca decifrei. Seu Luiz se esgueirou da história num olhar vago, saltou os destroços das obras jogadas ao chão, ao lado do tonel que servia de abrigo ao fogo, fixou o olhar num canto e permaneceu estático, sempre achei que o seu Luiz fosse um artista abandonado, meio louco, medindo o espaço e contando suas histórias a qualquer estranho que passasse pela rua, mas vendo-o assim tão de perto, cristalino em seu estrago, já não sabia se o via ou conversava em espelhos, *ora, seu Luiz, que história é essa de putas abandonadas da vila mimosa, o que isso tem a ver com a senhorita Regules e a ponte da régua?* Não me respondeu mais, continuou em silêncio no seu canto, medindo com sua régua formas invisíveis no ar. Por dias me perguntei o que seu Luiz queria dizer com aquela história, e que caso foi aquele no parque da cidade, resolvi caminhar como de costume procurando em cada olhar uma pista possível, de lembrança ou reencontro, foi então que uma menina desavisada de mochilas nas costas passou com pressa pelo valão, o celular devorava-lhe o rosto, tapou

o nariz pelo mau cheiro, *ei, calma aí, sabia que essa ponte tem mais de cem anos?*, deu um salto de susto e tirou os fones de ouvido, *oi, que foi, falou comigo?*, expliquei para ela que foi nessa mesma ponte que seu Luiz havia metrificado a distância da queda, foi bem aqui, por isso o nome de régua, Alice Regules entende, consegue entender? Alice morava logo ali ao lado, nas entranhas, naquele prédio, saiu um dia de casa em seu carro, e se espantou tanto quando desviou da Alice a coelha que se petrificou num tijolo de cristal, comecei a notar que essas coisas revelam sempre um desespero nos ouvintes, uma espécie de abismo inevitável de medo e desconfiança, de abandono, em empurrões e dedos frágeis arranhando aos bordas e cantos numa busca inútil de refúgio, agarrando beiradas em gritos surdos e sons ocos ao chão... contei para o seu Luiz, enquanto fazia a cova, que essa juventude não tinha interesse em nossas histórias, mas seu Luiz havia se tornado um pedaço de aquário envolvido em silêncio, sentado de lado contando os peixes em cartas de sua caixa invisível, enxugava a umidade num pano de chão sujo como ele, *o que leva um homem a ficar anos sem dar um banho ao espírito?* Os telhados marrons da vila mimosa, os quartos apertados de verde escurecido, minha preferida, algo como uma paisagem afundada no medo castigando os olhos fitando do céu um mal súbito, um coma induzido pela métrica catalogada da memória, em golpes certos. Foi no parque da cidade enquanto conversava com corujas que a tormenta por fim se revelou, mas o caminho não foi fácil, o parque não era perto da ponte da régua, era sempre um caminho longo, ainda mais levando seu Luiz nas costas, precisava subir por uma rua estreita para chegar

ao largo portão sem guardiões do parque, busquei por anos nos seus cantos uma explicação possível, as corujas quando cantam parecem chorar um arrependimento celular, uma espécie de prelúdio à catástrofe da terra, encostei seu Luiz numa árvore e notei logo acima uma linda flor branca, fúnebre como um assassinato indecifrável, a cortei lentamente com meu canivete e a senti latejar e gemer entre meus dedos, um pouco à frente, no meio do parque, uma roda de mulheres revelava uma conversa que se retorcia em lembranças terríveis, uma de cada vez, caminhei escondido pelas árvores para levar minha flor ao destino, mas a vez da fala era da senhora Joaquina, que lamentava em abraços com a senhorita Regules seus dias perdidos e de abandono, sete metros abaixo da ponte.



AZUL, VIOLETA

Talvez tenha sido por equívoco que naquela manhã cinza quase como todas as outras, a não ser por algumas poucas azuis e violetas, mas não, definitivamente aquela foi cinza, ou será que foi azul a princípio e depois talvez tenha ficado violeta por equívoco, ou até mesmo azul ao acaso, talvez naquela manhã eu tenha escolhido o livro de Cláudia, emprestado não sei por quê, de capa laranja com listras brancas, com folhas que pareciam de algodão, mas antes da escolha houve a renúncia, antes do café velho com torradas, pois já não tinha dinheiro para o pão fresco, era necessário colocar os restos já ressecados e meio bolorados no forno, para tornar assim tolerável o azul, mas antes da renúncia ao pão e da necessidade dos restos, um pouco depois de abrir os olhos, do autorreconhecimento da iluminação dos dias, lembrei, ao olhar pela janela e ver o silêncio no horizonte, que, antes mesmo de abrir os olhos, um pouco depois do sono e da vigília, sonhei com meus mortos e os imaginei vivos, na casa dos pães de Maria e do canto doce de Domingos e Melita, mas logo a penumbra os dissipou e eu voltei ao cinza, no banheiro onde a porta era apenas um lençol velho, limpei dos olhos o fumo estranho que me acompanha pelas manhãs, li na fileira sem fim de absurdos diários a primeira notícia, o mundo parou, um flagelo nos sufoca aos poucos, corpos levados de caminhão, mas, logo aqui ao lado, uma menina de nove anos morta com um tiro nas costas, um jovem de catorze em sua casa com os braços pra cima, lembrei em minhas notas algo que Admilson me disse quando subia o Laborieux comigo, *aqui os absurdos se diluem um nos outros, quando se vive no morro se está muito perto do céu*, Admilson era meu vizinho havia dois anos já,

morava logo ao lado, ganhava a vida fazendo todo tipo de bico que se possa imaginar, pedreiro, eletricista, pintor, certa vez ele limpou a caixa-d'água de quase toda a vizinhança, nas comunidades do Rio de Janeiro toda casa precisa de uma pequena caixa-d'água, algo que me chamou muita atenção no dia em que me mudei, observando do terraço, notei os quase infinitos pontos azuis por todo o morro, cada laje de tijolos por acabar possuía no mínimo três caixas, e os últimos senso apontavam para mais de duzentos mil habitantes, era possível ver toda a extensão da comunidade de meu terraço, da Gávea até São Conrado, a Rocinha era como um grande formigueiro dividindo dois bairros que possuíam um dos impostos territoriais mais caros do mundo, nesse momento tive uma ideia que parecia genial, montar uma empresa especializada em limpeza de caixas-d'água, mas óbvio que era um engenharia estúpida, talvez até fosse possível dar certo se eu conhecesse melhor o morro e seus códigos, mas a bolsa de estudos e o livro, se eu me dedicasse a mais alguma coisa, poderia nunca terminar a faculdade nem publicar livro algum.

Trinta reais são suficientes, disse Admilson, fui até meu quarto por baixo da cama, puxei e abri a pequena lata antiga de biscoitos onde guardava o pouco dinheiro que conseguia fazer, paguei achando que estava barato, sei que limpar uma caixa-d'água dá trabalho, quando ainda era possível pegar carona e voltar para casa, quando as estradas ainda não tinham sido interditadas e o abalo sísmico do vírus não tinha alterado a gravidade das interações humanas, visitei meus pais e eles me pediram para limpar a caixa que ficava entre o telhado e as velhas ripas de madeira que cobriam o teto, pois meu Pai já não

tinha fôlego para subir as escadas, certo que de vez em quando ele teimava e acabava subindo numa árvore ou telhado, para logo depois escorregar e enfiar o pé onde não devia, nesses dias minha Mãe ligava desesperada pedindo para que eu falasse algo, para que convencesse meu Pai a não subir em mais nada, mas a sua resposta era sempre a mesma, mandava fotos de seus arranhões como se fossem cicatrizes de guerra, e se esgueirava numa voz encabulada, *Vazo rachado dura muito, filho*, mas não durou, não foi pela teimosia nem as quedas que não durou, não, talvez o prenúncio tenha vindo quando o verde se mostrou vermelho no horizonte, mas não foi assim que aconteceu, não era essa a ordem das coisas, e agora tudo está em ruínas, todas as minhas notas destruídas, uma bagunça sem fim, a impossibilidade de recordar, eu sei que havia algo de importante, algo sobre Admilson e as caixas-d'água, sim... eu achei razoável a sua oferta de limpar a caixa, mas logo me arrependi, pois ele acabou limpando a da vizinha, que ficava ao lado da minha e em frente da do seu Amaro que morava no primeiro andar, seu Amaro não saía muito de casa, quando saía era pra reclamar de um vazamento que vinha de cima, onde eu morava, nesses momentos eu dizia pra ele que ia falar com a dona pra resolver, mas a dona estava na Itália e lá as coisas já estavam bem ruins, foi estranho quando descobri que a maioria das casas e até mesmo terrenos das comunidades do Rio de Janeiro pertencia a estrangeiros ou pessoas que moravam no asfalto, poucos moradores eram donos de suas casas, quase todos nordestinos trabalhando para pagar aluguel e alimentação, assim como Admilson que limpou a caixa errada, mas tudo bem, eu

não fiquei chateado com ele, Admilson tinha um bom coração, alguns dias depois de cometer o erro ele chegou com uma estátua que achou no lixo de algum condomínio na Gávea, era uma estátua oriental toda talhada em uma madeira nobre, creio que de Buda, *pega pra ti, acho que combina contigo*. Já não moro mais no beco da Maria do Carmo no segundo andar de um pequeno prédio nas encostas do morro da rua do Laborieux, mas ainda guardo a estátua de Admilson comigo, talvez a menina e seu tiro nas costas tenham sido um dos motivos de ter deixado o Laborieux, talvez tenha sido o cinza ou o azul, ou a impossibilidade de manter a quarentena, talvez não, talvez em minhas notas, nas ruínas, sim, num desses pedaços perdidos, eu recorde o motivo daquele dia de insônia, alguns meses antes de ir embora da Rocinha, no terraço quando ia amanhecer, observando as primeiras luzes do dia, senti uma súbita e inquietante renúncia ao repouso, como uma espécie de sofrer paralelo e tolerável que nascia do horizonte entre a floresta da Tijuca e o Cristo, uma espera furtiva que vinha da noite e aguardava à espreita como um olho o início da manhã, eram duas mães-da-lua-parda, uma ave rara da região, essa foi a primeira e última vez que ouvi o canto melancólico dos urutaus, seu canto parecia uma tristeza sem fundamento, sem razão possível, como a própria voz da tristeza... assim que elas pararam de cantar recebi uma ligação estranha, ninguém costumava me ligar, muito menos tão cedo, era Chris, um conhecido tatuador que precisava de ajuda, tinha o conhecido numa espécie de feira de artesanato com microfone aberto para declamar poesias, acabou morando lá no morro comigo por dois meses antes de ir para São

Paulo trabalhar num estúdio, Chris morreu quatro meses depois, asfixiado em sua cama. O apartamento em que morava tinha quarenta metros quadrados, dois quartos, uma sala, um banheiro e a cozinha, cheguei a dividi-lo com até quatro pessoas para diminuir o aluguel, duas em cada quarto, sem esquecer dos cinco gatos que resgatei pelos becos da comunidade, não conseguia vê-los abandonados e sempre achava que encontraria um dono na internet, o que raramente acontecia, das pessoas que acabaram dividindo apartamento comigo, tirando o Chris, todas eram estudantes, lembro que logo que cheguei ao RJ buscava decifrar uma espécie de sentimento oculto nas cores, uma tarefa estúpida e inútil, nas favelas não se tem tempo para medir em cores os sentimentos, do cinza aos azuis até o violeta, era muito pouco o que conseguia escrever em minhas notas, as memórias, na Rocinha os dias eram apenas uma continuidade sem fim de necessidades e problemas, ou o cansaço pela espera de que por alguma força maior eles se resolveriam. Seiscentos reais foi o auxílio que o governo liberou para os desempregados, dava apenas para metade do meu aluguel se não dividisse com outras pessoas, muitos não conseguiram o auxílio por ausência de informações na base de dados, Admilson reclamava todos os dias de que ia pra fila e não conseguia nada, descobri depois que era necessário marcar horário por telefone e que ele não tinha celular, quando finalmente conseguiu ser aprovado, precisou ir ao banco para poder sacar o dinheiro, quebrando o isolamento, enquanto o ministro da saúde era afastado por seguir as normas da OMS.

Por causa da minha mania de resgatar gatos, acabei descobrindo da pior forma a existência de um fungo que atacava tanto os humanos quanto os gatos e estava se proliferando por toda a cidade, principalmente nas comunidades, a esporotricose ou doença do jardineiro era uma espécie de ferida que não cicatrizava nunca e aos poucos ia consumindo a pele do animal e da pessoa que tinha sido arranhada, nos humanos o fungo acabava causando ferimentos leves, já nos gatos ele comia rapidamente o rosto do animal que acabava não conseguindo mais respirar nem enxergar direito, um dia quando voltava da padaria pela rua 1, peguei um desvio pelo beco do cachorro-quente do Mineiro, que ficava logo ao lado do lixão e do depósito de gás, ali entre algumas sacolas plásticas que foram jogadas no lixão e acabaram caindo para dentro do beco, encontrei um gatinho branco encolhido num canto, ele miava em desespero, parecia ter conseguido sair de dentro de uma das sacolas, pois numa delas havia outro gato já morto, que imaginei ser seu irmão pela coloração, tentei acalmá-lo, mas a luz amarela do poste que havia se apagado um pouco antes voltou a ligar e iluminou seu pequeno corpo, não havia mais rosto, era possível ver a arcada dentária por um buraco que tinha se formado entre o nariz e os olhos, comido pelo fungo, ele respirava ofegante enquanto assoviava em cada suspiro um som de agonia e sofrimento, pensei nas pessoas esperando na fila do SUS, um dia antes o noticiário informara que todos os leitos estavam ocupados e mais de mil pessoas esperavam por respiradores, algum empresário na televisão afirmara que o Brasil ia bem, que o pior já havia passado, o vírus agora estava se espalhando apenas entre os mais pobres,

campos de concentração, as favelas são campos de concentração, em cada entrada um camburão de militares e policiais, fazia uma semana que não havia água e que precisava comprar galões de vinte litros de três em três dias, ou subir até o fim do Laborieux para chegar a uma fonte natural, mas o caminho era longo e passava pela floresta, a pouca água que a Cedae raramente fornecia possuía um gosto forte de terra e não era recomendada pelos especialistas para o uso... o gato, precisava ajudar o gato, subi até meu apartamento e peguei uma caixa para colocá-lo dentro, era necessário queimar os restos, depois da injeção e da sonolência, era necessário queimar os restos para não espalhar a doença.

Nunca tinha visitado sua casa, a casa de Admilson, mas, no dia em que Chris pediu para morar comigo, alguém bateu na porta dizendo que precisava mostrar uma coisa importante, alguns dias antes uma chuva torrencial havia varrido o Rio de Janeiro e junto alguns moradores, afogados presos nos bueiros, embaixo dos carros, nesse dia as notícias falavam sobre os primeiros infectados, dos turistas que haviam trazido o vírus e dos terminais fechados, mas, antes disso, meses antes, o prefeito numa entrevista em frente à comunidade, em São Conrado, falava sobre pintar a fachada da favela, pois passavam muitos turistas naquela avenida e não estava bonita a mistura de cores e tijolos crus para a vista, as cores, é isso, tem algo a ver com as cores, preciso anotar, naquele dia, talvez a culpa tenha sido das cores, dito e feito, pintou apenas a fachada e nada mais, ficou presa no motor do carro, um carro vermelho, uma senhora de sessenta anos, o governador disse alguma coisa sobre atirar na cabecinha, em

seu helicóptero todo de preto e sua caveira, sobrevoou uma comunidade e atirou com seu fuzil numa tenda de religiosos, mas antes disso os tanques de guerra na esquina do Laborieux, cinco meses depois de me mudar para Rocinha, a guerra pelo comando, corriam pela floresta, eles corriam desesperados pela floresta, para o verde, dezenas de esquecimentos azuis, um vírus sobrevoou aquele dia em que eles correram ao verde, um ano antes da quarentena, logo abaixo de nossa janela, todos de preto apontando rifles, o som abriu os corpos e estremeceu a percepção, tudo era um temor contínuo de riscos perdidos, dos traços supostamente enganados, *E daí?* O presidente disse *E daí*, cinco mil mortos pelo vírus, hoje são trinta mil, *E daí?* Azul e vermelho em proporções iguais, anotei em algum lugar de minhas notas, azul e vermelho em proporções iguais faz violeta, na outra página, algo não estava certo, todos sabiam que algo não estava certo, mas Admilson já havia me alertado sobre as diluições e as cores assopravam todos os dias sobre algo que não estava como deveria, como deveria... mas ninguém sabia como deveria estar, a economia não podia parar, eles diziam, morrerão mais pela fome do que pelo vírus, a economia não podia parar, os homens econômicos não permitiam que os homens sem economia parassem, setenta por cento da população precisava se infectar, disse o presidente, um milhão de mortos, eu fiz as contas, lembro de fazer as contas, isso daria em torno de um milhão de mortos, mas antes, bem antes, a chuva, sim, a chuva, Admilson precisava me mostrar alguma coisa que a chuva fez em janeiro, naquele dia no terraço, Chris me ligou e Admilson precisava me mostrar algo importante sobre a chuva.

Como num sonho em que nunca se tem certeza exata da ordem dos acontecimentos, ou como numa pintura com camadas sobrepostas, as memórias se acumulam, costuram-se umas nas outras, em que mês estamos? Já não sei diferenciar os dias, eles passam como uma fileira interminável de formigas em procissão, é preciso escrever tudo, a única forma de distinguir o mundo é através da recordação minuciosa, não lembro em qual livro, talvez no de Cláudia, o livro de capa laranja e listras brancas dizia algo sobre tornar belos os instantes ao narrá-los, mas isso foi antes, durante aquela manhã cinza, não consegui encontrar o sentido da renúncia, da escolha, mas mesmo assim me coloquei a narrar os dias, sem colocar data nem hora e agora está tudo em pedaços, em ruínas, rasgaram minhas notas, mas isso não importa, não há razão para procurar culpados, preciso apenas lembrar daquele dia em que Admilson ia me mostrar algo sob a chuva, no dia em que Chris pediu para morar comigo em lamentos, pela falta de condições, pela crise e pelo aluguel atrasado, não tinha conseguido o benefício do governo e não podia mais trabalhar por causa da quarentena, não havia muito o que fazer, eu estava numa situação parecida, vendia poesias e alguns artesanatos na rua, quando as ruas ainda eram possíveis, pegava um mototáxi, três reais e cinquenta centavos do Laborieux até o metrô de São Conrado mais quatro reais e vinte centavos, pagando para passar pelas esteiras que pareciam nos conduzir ao abate, até chegar aos bancos quase sempre lotados do metrô, narrando os dias até chegar a Botafogo, depois o shopping e sua fachada onde estendia meu pano ao chão e colocava os artesanatos, pequenos livretos costurados

à mão com algumas poesias, uma multidão passava em direção às vitrines, espelhos com dentes obscuros, sempre pensei que não vamos aos shoppings para comprar coisas, mas para comprar nós mesmos, no chão as baratas, *é como eles me veem*, não há bairro no mundo com mais bueiros que Botafogo, de repente algum sinal que escapa, dentro em breve as ruínas, a chave e a porta para o precipício, notas soltas em meu caderno, alguma coisa se perdeu pelo caminho, uma moça se aproxima, preciso dar atenção, mostrar meu trabalho, mas esse vapor denso que sobe dos esgotos em dias quentes e gruda nos corpos, talvez seja só comigo, como as cores o cheiro também deve ser subjetivo, tudo de que eu lembro é do vestido florido, o cheiro não a incomodou, pegou um dos livretos, abriu em uma das páginas e começou a ler atentamente,

*aos que aqui já estiveram
nesta sala que um dia foi canto de descanso
ou aquele prédio que um dia foi morada
dos cavalos e do pasto e seu alimento
do quarto onde um dia dormi e permaneci
a escrever todas as noites incansavelmente
ou aquela fábrica de chocolates
que hoje é esquecimento
na casa onde estive, onde adoeci e insisti
hoje habita uma família e seus animais,
em frente ao pátio da cadeira de repouso
retornei e perguntei aos que permaneceram
mas ninguém que passou por mim
me viu*

a guarda municipal estava logo ali, a moça se afastou com minha inquietação, sorriu e foi embora, de tarde a guarda está sempre ali na esquina à espreita, como um olho permanente, esperando as ordens, talvez naquele dia não fosse possível fazer o dinheiro necessário, o shopping pagava para a prefeitura chutar os ambulantes da calçada, Diaval, venezuelano com rosto de índio corpulento, com mãos que pareciam açoites de linhas enceradas, fazia colares de macramê com dentes de animais e alguns cristais que ele achava nas suas viagens, sentava sempre ao seu lado para conversar enquanto ninguém parava no pano para olhar o trabalho, um dia me contou como veio parar no Rio de Janeiro, quando chegou ao Brasil com sua família pela fronteira de Roraima, junto com algumas dezenas de outros refugiados, decidiram acampar em Pacaraima, um pequeno município ao norte do estado, na décima noite quando ele finalmente tinha conseguido o dinheiro para pegar o ônibus ao Rio de Janeiro, sua filha e esposa o acordaram tossindo desesperadas em meio a fumaça, os gritos, Diaval fixou o olhar num pequeno inseto que pousou em sua mão, elas não conseguiram mais esquecer aqueles gritos, *vermes, sumam daqui!* Diaval explicou que levou a esposa e a filha de volta para Venezuela, mas que voltara para poder fazer algum dinheiro e ajudá-las de longe. O som do rádio comunicador da guarda municipal apitou, notei o sorriso no semblante dos homens de farda que se aproximavam, tudo aconteceu num instante, fui correndo em direção ao pano para recolher o material, mas Diaval não tinha vendido nada ainda, a guarda não gostava dele, eu senti, naquele dia eu senti pelas cores do laranja do ocaso ao verde das folhas até o azul do sufoca-

mento, o vírus ataca os pulmões nos impede de respirar, uma dor forte no peito, sufocou aos poucos, Diaval sufocou aos poucos, eram muitos o segurando enquanto ele dizia que não conseguia respirar.

Quatro e vinte mais três e cinquenta, naquele dia eu voltei sem fazer o dinheiro que precisava, nunca mais fui trabalhar em Botafogo, antes mesmo da quarentena começar, encontrei em meu caderno uma nota perdida, fiquei devendo vinte reais para Diaval por uma pulseira de prata com um pequeno cristal de ametista quadrangular minuciosamente amarrado em curvas que formavam uma caixa metálica que fixava a pedra no centro da estrutura, era preciso descansar, esquecer aquelas cores, tirar a roupa e me deitar, minha mãe ligou preocupada com os vídeos de pessoas caindo na rua em Wuhan, depois pelos corpos abandonados no Equador, não havia mais caixões e as covas agora eram coletivas, foram oitenta tiros, ela me disse, oitenta tiros do exército brasileiro, mataram um pai no carro com sua família dentro, sintomas da ruína, variações de manchas púrpura em um corpo morto, um sobre o outro, dois quartos, peixes presos no espaço, uma moto desce a estreita rua ao lado, escadarias, uma fissura no caminho, uma ausência, como avisar às nações? Nada ainda desabou, a sirene risca a noite e alerta a moto desavisada, passaram por cima dele, de fones de ouvido não percebeu o aviso, um vírus à espreita, como um movimento circular contínuo, lanternas e estátuas, arrancaram-lhe o braço, tudo ao mesmo tempo, em contato a se chocar reciprocamente, um labirinto situado perto do céu, um sonho apenas um sonho, a notícia do mototáxi atropelado pela polícia, não poderia mais trabalhar sem

um dos braços, apenas um sonho ruim, púrpura é uma pequena perturbação da pele causada por vazamentos na corrente sanguínea, talvez apenas um dos sintomas, ainda não era possível ter certeza, preso dentro de um sonho, uma janela fixa no horizonte, algo espreita num dos cantos, duas mães-da-lua-parda zelando o abismo, uma nuvem esponjosa de oscilante penumbra, como antes de dormir o horror de se perceber sonhando.

Desastre, o desastre que a princípio é apenas espetáculo não demora a implicar o espectador, a perda de minhas memórias, a iminência da morte, mas nada disso realmente importa, tudo o que preciso é recordar o dia em que Admilson queria me mostrar algo sobre a chuva, um pouco antes de Chris chegar, nada além disso, o enigma eu sei que esqueci alguma importante desse dia, procurei sem parar em minhas notas como um observador em seu telescópio, mas apenas consegui lembrar do momento em que achei meu caderno destruído, já não morava no Laborieux havia dois meses, agora era necessário subir a rua Mauriti Santos em direção a Paineiras para chegar até meu novo apartamento na comunidade Cerro Corá, por algum motivo saí de um morro para ir para outro, talvez seja algo relacionado ao cansaço e ao esforço das ladeiras, dos sofrimentos gratuitos, como se houvesse uma espécie de enigma a ser encontrado nas longas procissões, uma queda d'água separava a comunidade das enormes casas que costuravam as encostas do morro até a rua Almirante Alexandrino que levava à Santa Tereza, foi nessa rua que um dia resolvi caminhar a esmo, já fazia cinco meses que estava em quarentena e essa era a primeira vez que saía sem necessidade, no limiar da rua

acabei encontrando um caminho oculto pela floresta que depois de algumas horas me levou a uma espécie de casa abandonada, decidi descansar observando as ruínas e as trepadeiras que encobriam toda arquitetura esquecida, um musgo esverdeado pintara as paredes do casebre e acabou criando formas abstratas por toda a extensão até o telhado onde uma depressão apontava para a quebra da estrutura e um vazio permitia a entrada de uma luz fraca que tremia com o vento, ao lado da porta havia uma pequena pedra onde decidi me sentar para descansar e escrever um pouco, foi ali que acabei esquecendo minhas notas, só percebi o abandono algumas horas depois, já perto de casa, voltei correndo, mas era tarde demais, alguém ou algum animal havia destruído tudo, as folhas voavam e se prendiam às árvores e a estrutura decadente que insistia em permanecer onde não era seu lugar, logo a floresta quase virgem começou a fechar, os altos troncos que passavam sobre a casa mostravam inesperadas flores vermelhas e formavam uma abóbada escura onde toda vida era uma calma indiferente à minha angústia, por detrás da casa um sopro ruiu da floresta e estremeceu a estrutura catedrática dos galhos, fazendo com que as minhas notas girassem numa espiral monstruosa e magnífica que engolia minhas memórias como uma fome obscura e sem razão, agarrei as poucas folhas que consegui resgatar e, na última, que caiu sobre as outras sem esforço, pude ler um pequeno poema que escrevi no dia em que Admilson me falou da chuva,

*no mar a noite
a lua guia em reflexo a cor*

*mas no escuro a espuma
é um riso de escamas
um olhar arpoado
na beira do abismo*

foi nesse instante que consegui recordar, voltando pelo mesmo caminho, enquanto a escuridão da floresta criava um labirinto indecifrável que me fez passar horas na busca, entre as notas rasgadas, perdido num enigma, pude lembrar do dia em que Chris pediu para morar comigo, Admilson me puxava pelos braços descendo a estreita escada, desviando dos calçados que a vizinha sempre deixava na porta, *eu preciso te mostrar, eu não sei o que fazer, mas talvez você saiba*, exatamente três meses depois desse dia minha mãe ligaria novamente, *seu pai pegou o vírus, ele está bem, foi internado, mas há poucos respiradores*, uma empresa do Rio de Janeiro ganhou a licitação mas não mandou os respiradores, trinta e oito milhões de reais e nenhum respirador, o som estridente do canto dos urutaus, um sonho estranho de cores in-comunicáveis, é apenas um sonho ruim, quando se permanece no mesmo lugar sem esperança de mudança, os dias se fundem, e tudo ecoa de ontem numa voz surda e opaca que cresce por dentro incompreensível como uma teia nos olhos... descendo as escadas em direção a sua casa, dois blocos ao lado de um portão enferrujado, talvez oito ou dez apartamentos naquele pequeno prédio de dois andares, um cheiro forte de mofo pela ausência de janelas flutuava no ambiente, minha visão escureceu pela penumbra mas logo se acostumou, outra escada no corredor do prédio nos levaria ao destino, mas entre alguns degraus Admilson mostrou seu quarto sem porta,

apenas um pano tapando um buraco oblíquo e lá dentro um pequeno espaço de dez metros quadrados, uma geladeira, um colchão e uma TV, disse que morava ali já fazia 20 anos, que tinha se separado da mulher, era bom, pois não precisava pagar aluguel, mas não era isso que ele precisava me mostrar, me puxou pela escada que passava por cima de seu quarto e me levou a uma espécie de terraço, o horizonte apontava a Gávea e, mais ao longe, distante, o Cristo de costas, Admilson indicou com a mão a ribanceira, *olha lá, tá interditado, vai desabar tudo*, a chuva abriu uma cratera que levou algumas árvores morro abaixo, por sorte não havia casas ali, só o abismo, do horizonte de minha janela era impossível ver o estrago, mas dali tudo estava claro, não havia o que fazer, sem uma contenção logo tudo desabaria, o verde do horizonte aos poucos se tornou vermelho, foram mais quatro meses morando no morro e a promessa de que a prefeitura iria conter o desastre, mas eles nunca foram, todo dia de chuva uma sirene terrível tocava alertando para os riscos, mas não havia lugar para ir, e naquele dia Chris chegaria e eu precisaria explicar para ele que iríamos morrer, que a casa cairia, que ele poderia ficar, mas que tudo poderia desaparecer de uma hora para a outra, como o despertar súbito de um sonho ruim que não acaba e se mistura num quadro e suas camadas, talvez tenha sido por isso que escolhi o livro de Cláudia de capa laranja e listras brancas, emprestado não sei por quê, e que dizia para narrar os dias, talvez antes dos restos, depois da lembrança, entre a renúncia azul e a saída do lençol, eu tenha olhado de relance novamente o silêncio do horizonte e finalmente aprendido que talvez ao acaso tudo seja apenas por equívoco.



Vencedor
na categoria
CONTO

